



## Professor José Augusto Cesar (\*)

*Francisco Morato*

Com o fallecimento do dr. José Augusto Cesar, em 20 de fevereiro do corrente anno de 1938, perdeu a Faculdade de Direito um dos mais bellos ornamentos do seu quadro de professores, uma das figuras que se destacaram no grupo dos grandes mestres da tradicional Academia, para ella entrado pelas portas largas de um brilhante concurso.

Era o extinto um erudito intellectual, especializado nos estudos e pratica do direito, da historia e da technica do professorado; era sobretudo eximio historiador e notabilissimo professor, mais professor do que outra qualquer cousa.

Manifestou-se muito cedo seu amor ás letras e sua predilecção pelas lides do magisterio.

Nascido em Lorena a 18 de fevereiro de 1879, do legitimo consorcio do dr. José Pedro Marcondes Cesar e d. Anselmina Cesar, fez as primeiras letras em Jahu.

Estudou humanidades no Seminario Episcopal. Concluido o curso de preparatorios em 1894, matriculou-se na nossa Faculdade, depois de haver hesitado um instante si seguiria a carreira de engenheiro ou si preferiria a de jurista.

Bacharelado em direito, entregou-se á advocacia, de começo nesta Capital e, logo a seguir, em Brotas, em com-

---

(\*) A propósito do fallecimento do professor José Augusto Cesar, enviou o dr. Raul Fernandes a seguinte carta a pessoa da familia do extinto:

panhia do dr. Carlos Augusto de Souza Lima. Morto o dr. Souza Lima em 1900, voltou a advogar em S. Paulo.

Não era de feitio e tendencias para tão movimentada profissão.

Tinha horror ás exhibições de intelligencia e cultura. Sua palestra era sempre singela e despretenciosa, collocando logo á vontade o interlocutor. Detestava a affectação de saber, a tal ponto que dava a impressão de ser um ignorante. Era de uma simplicidade e modestia que offuscava seus meritos. Fugia das discussões, que considerava tão inuteis quanto afadigosas, e deixava que os outros fallassem á vontade e emittissem as opiniões as mais erroneas e absurdas, as quaes ouvia com paciencia e com as quaes estava prompto a concordar para evitar debate. Quando se interessava pelo assumpto, em palestras, desejava apenas estudal-o ou commental-o com o auxilio do interlocutor.

Odiava a actividade forense no tracto com os juizes, nas querelas com os escrivães, nos vaevens da chicana, no martyrio das inquirições, nas ardilezas dos collegas solertes, nas decepções da justiça, nos golpes dos profissionaes de maior tomo.

Era de temperamento incompativel com os ardores e necessidades de um officio de tamanha pugnacidade e desenvoltura. Tinha de abandonal-o, como o abandonou a pouco e pouco, limitando-se por fim, na pratica do fôro judicial ou extrajudicial, a dar pareceres, compor razões e minutar contractos.

Em 1908 foi nomeado lente de Historia Universal, do Gymnasio de Campinas, depois de provas memoraveis.

O concurso que fez dessa disciplina, quando tinha apenas 29 annos, foi um successo e uma revelação. Ao terminar sua prelecção, a assistencia, que não o conhecia, rompeu em uma salva de palmas.

Alcançou a maior nota, distincção, gráo 10, e o presidente da banca examinadora, dr. Basilio de Magalhães, dis-

se-lhe que só lamentava não haver maior premio a conferir-lhe.

Como historiador, seus conhecimentos não se cingiam ao desenvolvimento chronologico dos factos; alçavam-se ás mais transcendentés questões de historia da civilização, de critica historica e de philosophia da historia.

Das varias phases do drama universal, tinha predilecção especial pela Edade Media. Seduziam-no a poesia, os esplendores do genio e a complexidade formidavel daquella época, sob o influxo da civilização christã.

Da historia patria, admirava sobretudo o periodo do segundo reinado do Imperio. Era um dos seus assumptos predilectos, a historia parlamentar desse reinado, que conhecia muito bem atravez de Nabuco (um Estadista do Imperio) e outros. Tinha sobre os fundadores da Republica opinião formada com muito estudo e reflexão, mas radicalmente diversa da que é commumente professada. Haja vista, por exemplo, um dos seus ultimos trabalhos, um estudo sobre Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Achava que o relevo que dão os contemporaneos a todas essas figuras tem por base um preconceito patriotico, que estava longe de ser justificado pela realidade.

De todos os ramos de sua cultura, era a historia o que lhe merecia preferencias. O direito vinha depois. A prova disso está em que, já muito doente, afastou-se por completo dos estudos juridicos, ao passo que não esmoreceu um só instante o enthusiasmo pela historia, que continuou a cultivar até seus ultimos dias, embora já não fosse mais professor da materia. Dizia frequentemente que deixaria o ensino do direito, si algum dia lhe fosse dado assumir a cadeira de professor num *curso superior de historia*.

Em 1914 disputou em concurso a cadeira de lente substituto da terceira secção da Faculdade de Direito, que comprehendia Direito Civil e Direito Romano.

Triumphou.

Desannexada da secção a cadeira de Direito Romano, passou a reger apenas a de Direito Civil, para a qual foi nomeado cathedratico e que occupou até morrer.

Professor por algum tempo de Direito Romano, estudou com cuidado essa disciplina. Votava grande admiração por esse direito, parecendo, porém, pelo que deixava entender, muito mais pelo lado formal da construcção juridica e por sua admiravel logica, do que propriamente pelo seu conteúdo. Elle dizia sempre que o direito de um povo oppressor e conquistador da antiguidade não tinha elementos moraes que se impuzessem ao respeito dos scientistas do seculo XX.

Depois de Savigny, era Ferrini, dentre os romanistas, quem maior enthusiasmo lhe despertava. Estava sempre lendo as Pandectas desse autor. Venerava nelle não só o genio juridico, senão tambem a grandeza moral dos seus principios religiosos.

Civilista, era um discipulo apaixonado de Teixeira de Freitas, um entusiasta do genio e da construcção monumental do sabio jurisconsulto brasileiro.

Tinha uma quéda especial pela litteratura juridica alle-mã; inspirava-se a fundo nas obras de Savigny, Ihering, Windscheid e Dernburg.

Não era, porém, um fetichista da cultura germanica. Admirava-lhe a profundeza, a paciencia, a segurança, as altas linhas, a erudicção; mas não esquecia o genio, a espontaneidade, a graça, a promptidão, o arrebatamento, a melodia, os lampejos, a clareza divina do espirito latino.

Não se enfileirava entre esses que, querendo quebrar a lei da harmonia social e das compensações universaes, affectando uma superioridade parva, não adquirem as qualidades germanicas e perdem os predicados latinos, fazendo-se uns repetidores ou amontoadores de palavras desconexas e sensaborias entorpecentes, umas genuinas e ridiculas figuras epicenas.

Para equilibrio de seu senso de estheta e intellectual, quando em perigrinação pelos dominios das letras estrangeiras, contribuíram seus conhecimentos de latim e os estudos continuos da sciencia e litteratura francezas.

Entre os modernos, eram os francezes que, a seu vêr. levaram ao mais alto gráo de perfeição a arte de escrever, fallar e compor. São os gregos modernos, dizia. Quer fosse um romance, um livro didactico ou um tratado de direito, tudo quanto sabia da intelligencia gauleza era para elle um primor de methodo e de clareza na exposição. Elogiava incançavelmente a elegancia e a synthese das locubrações francezas. Censurava a mania metaphysica dos autores alemães, que tanto lhes complica e sombreia as produções. Neste sentido, uma das obras mais perfectas que já foram escriptas em direito, parecia-lhe ser a de Planiol.

Preoccupou-o por algum tempo a questão social,

O estudo que publicou em 1913, juntamente com os *Actos Juridicos* e que constituia uma critica ao projecto do Código Civil, sob o ponto de vista social, demonstra quanto o empolgava naquelle tempo o assumpto. Teve então o ensejo de fallar muito sobre o nihilismo russo, Marx, Lassalle, Jaurès. As obras que mais interesse lhe provocavam, dentre as modernas, eram as de Antão Menger, o Direito Civil e o Proletariado e o Estado Socialista. Repetindo uma expressão de Seignobos sobre taes livros, dizia que eram uma “obra prima de clareza e logica”. O entusiasmo pelo socialismo foi-se arrefecendo paulatinamente, até que chegou ao extremo de considerar as doutrinas sociaes, mesmo na fórmula attenuada do socialismo scientifico, absolutamente incompativeis com a civilização christã. Não lhe embaraçavam esse juizo nem mesmo as encyclicas de Leão XIII. E’ possivel que a esse extremo o tivessem levado a tragedia russa e o surto do communismo em todo o mundo. Chegou até a lamentar que tivesse escripto o estudo acima referido.

Era um homem de fé. Educado desde a mais tenra idade nos principios do catholicismo por seus paes, que sempre foram crentes fervorosos, nunca chegou a repudiar a sua formação religiosa. Apenas, durante um certo periodo da vida, teve que vencer certa crise de scepticismo religioso, que foi breve e nunca logrou suffocar a crença, sempre latente no fundo da alma. A reacção veio lógo e restabeleceu-lhe a fé, com os mesmos caracteristicos de sinceridade e ardor dos primeiros tempos da juventude. A leitura de Renan, pondo de parte o prazer artistico e litterario, nenhuma influencia exerceu sobre seu espirito. Sustentava que a tentativa de dar ao milagre explicação scientifica, era uma verdadeira puerilidade. A mesma critica fazia ao livro de Strauss, no topico em que considera o milagre um mytho. A todos preferia os livros sinceros, eruditos e equilibrados do Padre Didon e do abbade Vigouraux. Comovia-o a eloquencia sagrada, a seu vêr a mais nobre e a mais alta de todas.

Ha muito voltára á pratica religiosa, frequentando os sacramentos. Na sua mesa, ao lado dos classicos latinos, eram os livros de religião os que se viam constantemente abertos e annotados.

Entre os predicados que lhe exornavam a figura de intellectual, sobressahia em alto relevo o de professor; era sobretudo, era acima de tudo professor.

Enorme e variada sua cultura propedeutica. Além de Direito e Historia Universal, em que foi cathedratico, leccionou portuguez, francez, geographia, corographia do Brasil, arithmetica, algebra e geometria.

Costumava preparar as prelecções com extremo carinho, não se deixando fascinar pelas gloriolas ou farandulagens dos improvisadores, daquelles que, ostentando estollida ou fingida confiança em si mesmos, procuram impressionar pela repentinidade dos recursos oratorios e conhecimentos scientificos. Entendia com justa razão que os improvisos, quando não se referem exclusivamente á forma

do discurso, ao ordenamento da materia ou ao aproveitamento instantaneo de lastro de longe accumulado, são fonte e occasião de disparates e erronias.

Do cuidado com que preparava as licções adveio-lhe um dos maiores soffrimentos nos ultimos tempos de exercicio profissional.

Minado por tenaz molestia, que recrudesca dia a dia, forçado pela inclemencia do clima da Capital a transferir residencia para Sorocaba, era com grande pena que comparecia ás aulas. Fallava a grande custo, em voz baixa e pausada, com frequentes interrupções. Não podendo ler nem estudar, jogava tão só com conhecimentos velhos.

Isso tudo, disse-nos elle entre suspiros, dava-lhe a consciencia que suas prelecções não podiam mais agradar aos alumnos e corresponder ás responsabilidades da cathedra — consciencia que o torturava como uma agonia lenta no termo da carreira que havia sido o encanto de toda sua vida.

Era um modelo de professor, sob todos os aspectos em que se haja de considerar.

Era muito singelo e modesto seu estylo na cathedra. Não se preocupava com os arroubos da eloquencia nem com os ornatos da elocução. Fallava dominado pelo pensamento central de transmittir aos alumnos aquillo que sabia e fazer os alumnos comprehenderem aquillo que ouviam. Dahi a clareza e simplicidade de suas prelecções, que a todos satisfazia e illustrava.

Nas bancas de exames ou provas de concurso, era de uma correção absoluta. Extremamente delicado, nunca tinha um gesto ou palavra que pudesse maguar. Conscio de que as provas são do arguido e não do arguente, não só dava tempo ao examinando para fallar, senão que não o interrompia nas respostas e explicações felizes com que revidava as objecções do professor.

Como julgador, adoptava um criterio muito igual, sereno e bondoso. Todos o respeitavam; ninguem o temia.



Pontual no cumprimento dos deveres, não faltava às aulas. Não se amoldava ao papel de professor *in partibus*. Neste particular, timbrava de uma delicadeza moral inexcusável.

Poucos mezes antes de succumbir, sabendo que o Ministro da Educação estaria disposto a commissional-o juncto á Directoria da Faculdade, para escrever a historia da fundação e progressos dos cursos juridicos do paiz, procurou o Director afim de communicar-lhe que não acceitaria a commissão. Não tinha mais forças para o desempenho da tarefa. Recebe-la por sinecura, coisa era que lhe repugnava á consciencia; preferia morrer na pobreza a receber paga por serviço que não fazia.

E morreu pobre, como pobre viveu.

Não deixou bens de fortuna; cinge-lhe, porém, a fronte, na lembrança e saudade de seus amigos e discipulos, a aureola de um professor, que honrou o nome da Escola e o prestigio dos collegas do corpo docente, que edificaram no passado e realçam no presente a grandeza da Faculdade de Direito de S. Paulo.

---

Transcrevemos, a seguir, duas cartas do dr. Raul Fernandes sobre o falecimento do saudoso mestre:

I

*“Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1938.*

*Meu caro João Baptista*

*Deixei para pessoalmente agradecer-lhe sua sentida carta de Fevereiro, annunciando-me o fallecimento do nosso querido amigo Cesar. Contava ir sem demora a S. Paulo e poder cumprir esse dever; mas a viagem, adiada varias vezes, só se verificou no dia 29 do mez passado, e*

*em condições de tamanho atropelo durante minha estadia ahí, que não dispuz litteralmente de uma hora para ir á sua casa. Aceite minhas desculpas e creia que lamentei com você o desaparecimento daquelle querido e bonissimo companheiro. Deixei de comparecer ao almoço que reunio em fim de março os sobreviventes da minha turma de bacharelato, porque o convite me fôra feito com o engodo, para mim decisivo, da presença do Cesar, e o claro que este ia deixar na meza, ser-me-ia insupportavel. Tenho saudade profunda de um amigo tão seguro, bondoso e prestativo, como elle sempre foi, e sinto ainda mais o desaparecimento, que com a sua morte se verificou, de um valor moral e intellectual raramente egualado em nosso meio. Não se rompeu, com esse trespasse, o mais forte laço que me prendia ás recordações de minha vida de estudante, porque elle viverá na minha memoria e no meu coração; mas a falta do homem inegualavel que o encarnava é para mim uma fonte de pesar irremovivel. Aqui lhe mando um saudoso abraço, meu caro João Baptista, e creia-me sempre o seu coll. e affo. amo.*

(a) RAUL FERNANDES”

## II

“Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1938

*Meu caro collega e amigo*

*Dr. Spencer Vampré*

*Li com a mais profunda emoção sua carta solicitando-me umas linhas sobre o nosso inesquecivel amigo José Augusto Cezar.*

*Hesito, porém, em escrever, com esse objecto, um artigo, ou ainda uma breve nota, para a publicação que o Amigo intenta fazer e que supponho ser na “Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo”.*

*Esta “Revista” é o orgão da Congregação da prestigiosa escola em que nos graduámos, e, ahí, os merecimentos excepcionaes do Cezar, abalísado professor de*

*direito civil, devem ser comemorados por quem lhe haja acompanhado os passos na carreira que tanto nobilitou.*

*Desde o já remoto anno de 1898 em que terminámos juntos o curso juridico em S. Paulo, perdi de vista, quasi completamente, aquelle amigo inequalavel.*

*Por occasião de minhas frequentes viagens a S. Paulo, quiz surprehendel-o misturando-me aos seus alumnos para ouvir-lhe uma lição. Por má sorte, esse designio foi sempre frustrado, ora por affazeres que me tomavam todo o tempo da breve estadia, ora por férias escolares, e ainda, duas vezes, desgraçadamente, por molestia do professor.*

*Na primeira, fui vê-lo na sua casa de Villa Marianna. Encontrei-o curvado sobre uma mesa de pinho tosco, arquejante, meio asphyxiado pela asthma. Queixou-se do clima da capital paulista e antevia a necessidade de fixar-se no interior, ainda que forçado a tres viagens semanaes para dar aula.*

*Essa nova moradia foi em Sorocaba onde, da outra vez, fui visital-o com João Baptista de Souza. Lá como em Villa Marianna, o mesmo ambiente monacal: meia duzia de moveis muito modestos, livros em que se sentia aquelle “calor do uso” de que fala o Eça, um grande silencio, uma grande paz, e dentro, movendo-se como uma sombra, uma velha creada...*

*Nesse fim de vida, que chegava cedo ao pobre amigo pouco mais que quinquagenario, elle era, moralmente, o mesmo homem que só conheci intimamente na radiosa juventude: tão simples, tão modesto, tão humilde — no sentido christão desta palavra — como em estudante, quando, o primeiro da sua turma, e até o da sua geração, quasi se vexava desta superioridade e a escondia com ingenuos subterfugios.*

*Pedro Lessa, nosso lente e animador, não se enganou: logo descobrio nelle o solido preparo, principalmente em philosophia e historia, que lhe havia de alicerçar com profundeza os estudos juridicos e, logo depois, quando os primeiros contactos com as torpezas e alicantinas do fôro o arredaram definitivamente da advocacia, lhe abria as portas do Gymnasio de Campinas.*

*Meu companheiro inseparavel de estudos, do primeiro ao ultimo anno do curso, vi despontar nelle a vocação para o magisterio quando, muito antes de collar-*

*mos gráo, me declarou que sua ambição era usar cartões de visita que dissessem simplesmente: "JOSE' AUGUSTO CESAR — Professor"*

*Elle previa as incompatibilidades do seu temperamento com as luctas tão asperas da advocacia, e do exemplo paterno tirava uma lição amarga sobre os terribes precalços da magistratura como ella deve ser exercida.*

*Sei, por ouvir dizer, que aquelle sonho da mocidade foi realisado em toda a sua plenitude, tendo sido o Cezar um professor de profundo saber e de character purissimo.*

*Recolhi, com a mais grata emoção, innumerous testemunhos concordantes nesse louvor. O ultimo, foi o do professor Waldemar Ferreira, meu collega na derradeira legislatura da Camara dos Deputados e cuja autoridade moral e intellectual para esse juizo é insuperavel.*

*A esse, ou a outro membro da actual Congregação, como o Ráo, tambem illustre professor de direito civil, ou o Alcantara, cujo estylo estará na altura de tão justa commemoração, deve V. pedir o artigo que não sei escrever.*

*Creia-me, meu caro Dr. Vampré, seu*

*aff.º am.º, coll.º e adm.ºr,*

*(a) RAUL FERNANDES"*

